

**ROMANCE OU EROTISMO? MUDANÇAS SOCIAIS
E EMPODERAMENTO FEMININO EM “BRIDGERTON”
E “365 DNI” À LUZ DA ACD**

Guianezza M. de Góis Saraiva Meira (UERN)
guianeezasaraiva@uern.br

RESUMO

O filme “365 DNI” e a série “Bridgerton”, da *Netflix*, chegaram ao topo dos mais assistidos em pouquíssimos dias. De um lado, um filme com traços bem característicos de um erotismo contemporâneo; do outro, um romance de época, todavia com cenas “picantes” e de muita sensualidade. Partindo dessa premissa, este texto tem como objetivo analisar os discursos do filme e da série escolhidos, buscando identificar as mudanças sociais quanto à visão da mulher nas relações amorosas/sexuais e se tais discursos sinalizam o empoderamento feminino. Para isso, recorrerei à Análise Crítica do Discurso, com ênfase na corrente de Fairclough, aos Estudos Culturais, à Sociologia e ao Direito, por entender que a ACD é transdisciplinar. No que diz respeito às questões metodológicas, é importante frisar que este trabalho é de base qualitativa-interpretativa e o corpus é constituído por oito fragmentos discursivos. Os resultados indicam que o filme e a série prendem a atenção dos espectadores, graças a um conjunto de características, como as cenas eróticas, os ambientes luxuosos, a notoriedade do macho alfa e a ênfase na figura feminina, que, por sua vez, tende a questionar as relações de poder e as convenções sociais, mostrando-se, portanto, à frente do seu tempo.

Palavras-chave:

Empoderamento feminino. Romance erótico. Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

The film “365 DNI” and Netflix’s “Bridgerton” series reach the top of the most watched in very few days. On the one hand, a film with very characteristic traits of contemporary eroticism; on the other, a period novel, however with “spicy” and very sensual scenes. Based on this premise, this text aims to analyze the discourses of the chosen film and series, seeking to identify social changes regarding the woman’s vision in love/sexual relationships and whether such discourses signal female empowerment. For this, I will resort to Critical Discourse Analysis, with emphasis on Fairclough’s current, Cultural Studies, Sociology and Law, because I understand that the ACD is transdisciplinary. With regard to methodological issues, it is important to emphasize that this work is qualitative and interpretive and the corpus consists of eight discursive fragments. The results indicate that the film and the series hold the attention of viewers, thanks to a set of characteristics, such as erotic scenes, luxurious environments, the notoriety of the alpha male and the emphasis on the female figure, who, in turn, tends to question power relations and social conventions, thus showing itself ahead of his time.

Keywords:

Erotic romance. Female empowerment. Critical Discourse Analysis.

1. Considerações Iniciais

As produções que geram entretenimento na *Netflix* têm apresentado, cada vez mais, bruscas mudanças sociais. Isso porque o conteúdo dos filmes e das séries, a forma como as temáticas são abordadas e o fato de que cenas antes censuradas, agora são explícitas, têm disseminado novos discursos, novas ideologias, novas formas de pensar, de se posicionar. Tais transformações estimulam a análise discursiva, tendo em vista a sociedade e os sujeitos estarem em constante observação, julgamentos e críticas.

Nesse cenário, este artigo tem como intenção analisar os discursos de duas personagens femininas, atentando para as mudanças sociais e para o empoderamento feminino. De um lado temos a Laura, protagonista do filme da *Netflix* “365 DNI”; do outro, Daphne, da série “Brigerton”. Inicialmente, é possível afirmar que são mulheres com personalidade forte, que sabem o que querem, embora assumam posturas distintas e tenham tido experiências afetivas e sexuais diferentes.

Ademais, é pertinente destacar que o embasamento teórico dar-se-á a partir dos preceitos da Análise Crítica do Discurso, com ênfase na corrente social de Fairclough (2016), como também dos postulados da Sociologia e da História, uma vez que a ACD é transdisciplinar. Logo, as palavras de Dijk (2008), de Sztompka (2005), de Del Priore (2013, 2020) e de Meira (2012, 2016) darão corporeidade a este texto.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, convém frisar que a abordagem é qualitativa-interpretativa (MOITA LOPES, 2006) e o *corpus* se constitui de oito trechos discursivos, sendo quatro da personagem Laura, do filme “365 DNI”, e quatro de Daphne, da série “Brigerton”. A escolha dos discursos se justifica pelo teor romântico ou erótico, além da possível sinalização de mudanças sociais e do empoderamento feminino.

Os resultados sugerem, em linhas gerais, que ambas as obras da *Netflix* possuem um teor erótico. Isso é passível de comprovação ao analisarmos os discursos, atentarmos para as cenas em ambientes íntimos, para o processo de sedução e para a discussão em torno do orgasmo feminino.

2. Análise Crítica do Discurso: noções gerais e introdutórias

A Análise Crítica do Discurso – ACD –, em especial a corrente social desenvolvida por Fairclough, se volta para os discursos das minorias. Por ser uma teoria-método, tem ganhado notoriedade no campo dos estudos discursivos e o que se vê, costumeiramente, são pesquisas que têm como objeto de pesquisa o negro, o indígena, o indivíduo com necessidades especiais, o sem-terra, o menos favorecido economicamente e a mulher.

Nessa conjuntura, desde a graduação desenvolvo interesse em analisar discursos que contemplem o feminismo, a história de luta das mulheres e sua busca pela igualdade de direitos, as heranças do patriarcado, a dominação masculina e, ainda, as mudanças sociais, cujo marco inicial se dá em 1940, década que marca os primeiros Movimentos Feministas e, conseqüentemente, a concessão de direitos de extrema importância, como o voto e, mais tarde, o acesso à pílula anticoncepcional, o ingresso no mercado de trabalho, a licença maternidade, o divórcio e o direito sobre o próprio corpo.

Outra peculiaridade que me faz recorrer à ACD, conforme já mencionado, está no fato desta assumir um caráter transdisciplinar, isto é, a possibilidade de contemplar várias áreas do conhecimento para sustentar uma análise discursiva, transcendendo, portanto, os estudos da linguagem. Neste texto, irei me ancorar nas bases epistemológicas da Análise Crítica do Discurso, mais especificamente nas noções de poder e mudança social; da Sociologia, para discutir sobre as tradições, valores e princípios; e da História, a fim de discorrer sobre o feminismo e os avanços que ele trouxe para a configuração social contemporânea.

Tendo situado o meu lugar de fala, julgo pertinente discorrer o conceito de discurso. Nas palavras de Ramalho e Resende (2011, p. 17), a expressão “discurso” possui dois significados: “como substantivo mais abstrato, significa o momento irredutível da prática social associado à linguagem; como substantivo mais concreto, significa um modo particular de representar nossa experiência no mundo”. Em outras palavras, analisar um dado discurso significa lançar um olhar para a linguagem e se manter atento aos aspectos que a circundam, como as questões ideológicas, hegemônicas, ditas e não ditas.

Quanto à discussão sobre mudanças sociais, as reflexões de Sztompka (2005) nos explica que

quando relacionado às mudanças sociais, o tempo pode servir como quadro externo para a mediação de eventos e processos, ordenando o seu fluxo caótico em benefício da orientação humana ou da coordenação das ações sociais. Isso é “tempo quantitativo”, indicado pelos dispositivos convencionais, como relógios e calendários, os quais nos permitem identificar as distâncias, velocidades, intervalos e duração comparativa de ocorrências sociais diversas. (SZTOMPKA, 2005, p. 90, adaptado)

Mediante as palavras do autor e as pesquisas de Meira (2012, 2016), é plausível afirmar que a velocidade das mudanças sociais, no que tange aos direitos femininos, foi bem lenta. A título de ilustração, destaco a primeira lei voltada para o combate à violência contra a mulher – A Lei Maria da Penha –, sancionada somente em 2006, embora o Brasil apresentasse índices alarmantes de agressões há décadas. Paralelo a isso, é salutar mencionar que a Lei do Feminicídio também foi sancionada tardiamente – em 2015 –, depois de inúmeros casos de homicídios a mulheres. Além disso, o fato de que as duas leis estejam em vigência e pertençam ao código penal do país, não estamos isentos do registro de novos e recorrentes casos de violência doméstica, pois constatamos as notificações, todos os dias, nas mídias televisivas, impressas e digitais.

Quanto às concepções sobre o que é passado, Sztompka (2005, p. 113, adaptado) afirma que as pessoas “herdam crenças, conhecimentos e símbolos, bem como normas, valores e regras, que são armazenados, interpretados e transmitidos por agentes, como famílias, igrejas, escolas, universidades, meios de comunicação de massa”. Em outras palavras, inúmeros discursos conversadores – no âmbito do feminismo – foram disseminados em instituições de grande representatividade para a formação do indivíduo e para a imposição de determinadas convenções sociais, como a castidade até o casamento, ampla e claramente defendida no discurso religioso.

Paralelo a isso, é responsabilidade da História registrar, cronologicamente, a evolução do feminismo, as mudanças sociais, as tentativas de rupturas de convenções sociais, do patriarcado e da submissão ao cônjuge. Todavia, não é possível ignorar as relações de poder que o homem exerce sobre a mulher. Tal poder é expresso em ações cotidianas, dentre as quais cito a concepção de que os afazeres domésticos se constituem, exclusivamente, um papel feminino, além da pretensão de perpetuação da dependência econômica, mesmo que a mulher exerça uma atividade remunerada. Outro quesito que merece destaque é a submissão sexual e íntima da mulher. Sobre isso, Del Priore (2020) diz que

interditos sexuais, ditos e não ditos, regiam a vida de milhares de mulheres. Casadas, elas passavam a pertencer aos maridos – e só a eles. Era severamente punida qualquer interpretação equivocada de condutas reais ou supostas; e as mulheres não podiam sequer dar lugar às dúvidas infundadas, pois o peso da reputação era importantíssimo. Deixava-se de lado todo assunto ligado a sexo. E o sistema se autoalimentava: em casa, a mãe instrua à filha nesse mesmo espírito e depois a entregava a um homem. Centralizava-se o imaginário feminino na questão do pudor. As mulheres de família conheciam mal seu próprio corpo e, toda evocação da feminilidade era mal vista – a escolha de roupas íntimas, por exemplo. (DEL PRIORE, 2020, p. 125)

A citação acima deixa evidente o mundo de limitações e de frustrações do passado. Essas tradições perpassaram gerações, alimentado arquétipos da “boa moça”, “da mulher ideal para casar”. Entretanto, interessa-me discutir, neste trabalho, a não sujeição a determinadas relações de poder e como determinados direitos foram sendo moldados e firmados na sociedade, como o direito sobre o próprio corpo, o direito ao não, ao orgasmo, à escolha quanto ao número de parceiros e à orientação sexual. A isso, chamamos Empoderamento Feminino.

A expressão “empoderamento” advém do vocábulo “poder”. Este, por sua vez, indica uma categoria analítica de extrema importância para os estudos ancorados na Análise Crítica do Discurso, pois, conforme já mencionado, essa teoria se volta para os discursos das minorias, implicando, portanto, na associação de que esses grupos sofrem dominação, haja vista a organização social perpassar hierarquias. Ainda sobre poder, Dijk (2008, p. 118) explica que “os grupos dominados podem consentir, aceitar, legitimar, acatar ou resistir a esse poder e, até mesmo, achá-lo natural. Assim, o poder dos dominantes pode estar associado às leis, às regras, às normas, aos hábitos”, assumindo, assim, o que conhecemos por hegemonia.

1. Romance ou Erotismo: as classificações são mesmo estanques?

O gênero discursivo romance é evidenciado em pesquisas e na sala de aula há muitos anos. Mesmo com o fim do Romantismo, é possível constatar um certo predomínio de textos cuja escrita contempla aspectos padronizados, como: um enredo suave, em que os protagonistas, na maioria das vezes, são heterossexuais, monogâmicos e que enfrentam grandes desafios para vivenciar uma história de amor, cujo final nos passe a sensação dos contos de fada, em que os casais são felizes para sempre.

Na visão de Bakhtin (1990),

Todo romance, em maior ou menor escala, é um **sistema dialógico de imagens das linguagens, de estilos, de concepções concretas e inseparáveis da língua**. A língua do romance não só representa, mas ela própria é objeto de representação. A palavra romanesca é sempre autocrítica. Com isso o **romance se diferencia, em princípio, de todos os gêneros diretos**, do poema épico, da lírica e do drama em senso estrito. Todos os meios de representação e de expressão diretos desses gêneros, eles próprios também são gêneros que, ao entrar no romance, tornam-se um objeto de representação. (BAKHTIN, 1990, p. 371) (grifos meus)

Em contrapartida, a literatura erótica é um gênero que contempla a sensualidade, o desejo sexual, o amor e tem se difundido amplamente nas práticas sociais pós-modernas, despertando curiosidade em leitores, bem como em amantes de filmes e de séries. A prova dessa popularidade pode ser ilustrada a partir da explosão de vendas do *best-seller* “50 tons de cinza”, além das obras “50 tons mais escuros” e “50 tons de liberdade” que compõe a trilogia.

Ao entender as questões estilísticas, estruturais e composicionais em torno dos textos que se enquadram no texto romântico e no erótico, este artigo intenciona promover uma reflexão: estes gêneros são homogêneos ou é possível termos “romances eróticos”, em que se constata a presença de uma história de amor e sensualidade?

Sob a missão de tentar responder aos questionamentos supracitados, é crucial ressaltar, de início, que essa “mescla” de gêneros comunga com o conceito defendido por Araújo (2021), em sua obra *Constelação de gêneros: a construção de um conceito*. O autor explica que

[...] uma constelação de gêneros consiste em um agrupamento de situações comunicativas em torno das quais gravitam, em diferentes graus: a) **características comuns aos ambientes ou à esfera de comunicação**; b) **características de sua constituição genética**, isto é, aproximando-os também em seu processo formativo; c) e, por último, mas não menos importante, uma teia de **propósitos comunicativos** relativamente claros pelos quais os gêneros são reconhecidos por seus usuários, distinguindo-os uns dos outros e servindo de “guias” para a sua adequada utilização no interior de suas esferas de atividade. (ARAÚJO, 2021, p. 106) (grifos do autor)

Nesse sentido, como se pode ver, os traços de romance e de erotismo são comuns à esfera de comunicação, tendo em vista o suporte em que é veiculado o filme e a série ser o mesmo: a Netflix; à constituição genética, visto que a linguagem dos elementos verbo-visuais apresenta uma linha tênue entre o “açucarado” e o libidinoso; e, por fim, os propó-

sitos comunicativos, que se assemelham quanto às funções de entretenimento.

2. Empoderamento Feminino e mudanças socioculturais nos discursos de Laura e de Daphne: Trilhas que conduzem às análises

A *Netflix* pode ser conceituada, de forma geral, como uma plataforma de entretenimento. Trata-se de um serviço por assinatura, que tem se popularizado cada vez mais, fidelizando públicos bem diversificados, tendo em vista a variedade de filmes, séries e documentários. Fácil de manusear, o usuário escolhe o que vai assistir, sendo, muitas vezes, induzido pelo algoritmo ou pela lista “Top 10 no Brasil hoje”. Tais recursos auxiliam no processo de popularidade daquilo que foi lançado recentemente, a exemplo do que aconteceu com o filme e com a série escolhidos para compor o *corpus* deste trabalho.

O filme “365 DNI”, lançado na plataforma *Netflix* em 07 de fevereiro de 2020, compôs a lista dos mais assistidos em poucas horas. Além dessa feita, o filme causou um grande *frisson* entre os telespectadores, além de críticas e discussões sobre o sequestro da personagem Laura. Como uma curiosa dos assuntos que se voltam para o feminismo, me questionei se a imposição dos 365 dias para que Laura se apaixonasse por Massimo era mais um filme com muita sensualidade e erotização, ou se tínhamos, ali, uma relação abusiva, embora que “velada”, pois a dominação masculina ocorria em um contexto de luxo, ostentação e muita relação de poder, uma vez que Massimo era gângster de uma máfia e herdeiro de um grande império.

Como a ênfase deste trabalho está nas personagens femininas, julgo pertinente discorrer um pouco sobre a personalidade de Laura. Com o estereótipo idealizado para a mulher do século XXI, ela é independente, dona de si; é bonita, sexy, trabalha fora e não cede aos caprichos de parceiros. Detesta ser chantageada e ver seus direitos tolhidos, como o veto do uso de seu celular e do seu laptop. Gosta de ser cobiçada, observada e, principalmente, desejada. É provocante, tem um olhar sensual e sabe como deixar Massimo enlouquecido, fazendo que com ele aja intempestivamente em várias cenas.

Do outro lado, temos a série “Brigerton”, lançada em 25 de dezembro de 2020, também na *Netflix*. Com uma trama envolvente, doce sem ser “melosa”, os oito episódios prendem os amantes de séries com

uma história de época, mas com traços bem característicos de pós-modernidade, dentre os quais se destaca o fato de Daphne discutir sobre sexo, de forma mais aberta, com seu cônjuge – o duque –, além de buscar informações sobre o coito interrompido que ele sempre praticara, a fim de não engravidá-la.

Ademais, a protagonista da série também tem uma personalidade forte. Enquanto solteira, traçava estratégias para se desviar, elegantemente, de pretendentes que não lhe agradavam. Após se envolver em um grande mal entendido, que abalou sua moral como donzela, como moça de família, o duque Simon Basset afirma que se casará e vive com ela uma intensa relação de prazeres carnavais e de paixão, embora os traumas do passado acabem atrapalhando a cumplicidade e a lealdade no matrimônio. É conveniente endossar que mesmo sendo um enredo que retrate a sociedade do século XIX, as cenas que envolvem os protagonistas são picantes, sensuais e com uma boa dose de nudez. Além disso, tabus são retratados com frequência, dentre os quais se destacam o orgasmo, a masturbação feminina e o sexo oral.

A título de ilustração, convém exibir os cartazes das duas obras em estudo. Embora não tenha a intenção de analisar os elementos imagético-semióticos, na perspectiva da multimodalidade, da Teoria do Design Visual, por exemplo, convém pontuar que eles, certamente, auxiliam na compreensão de como os elementos que denotam sensualidade são evidenciados no filme “365 DNI”; enquanto os da série “Brigerton” recorrem ao romantismo. Esses *spoilers* quanto ao gênero das produções da *Netflix* direciona algumas hipóteses que merecem ser discutidas aqui neste trabalho: O filme se enquadra em uma literatura erótica? A série pode ser caracterizada como um romance? Quais quesitos permitem essas categorizações?

Figura 1: Cartazes de divulgação do filme “365 DNI” e da série “Brigerton”.



Fonte: www.adorocinema.com.

Após a caracterização do filme, da série e das personagens femininas – de ambas as produções televisivas –, detalharei o percurso metodológico adotado aqui. Precipuamente, pontuo que este artigo contempla o paradigma qualitativo-interpretativista (MOITA LOPES, 2006) e está inserido na área das Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente na área dos Estudos da Linguagem.

Quanto ao *corpus*, convém ressaltar que este contempla oito fragmentos discursivos, transcritos do filme “365 DNI” e da série “Bridgerton”. Conforme já anunciado, irei analisar, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, as mudanças sociais e o empoderamento feminino nos discursos de Laura e de Daphne, respectivamente.

Ademais, intenciono, ainda, discutir se tais discursos sinalizam um romance ou uma literatura erótica. A escolha dos discursos levou em consideração os recortes temáticos considerados tabus, além da compatibilidade de posicionamentos nos discursos das protagonistas em estudo. Para fins de sistematização, foi organizado um quadro-tabela para dispor os discursos de Laura, nomeados de L1, L2, L3 e L4, como também os discursos de Daphne, ao qual chamarei de D1, D2, D3, D4. Além de uma sequência cronológica, os discursos também foram organizados de modo que a temática em pauta fosse equivalente. Vejamos o quadro com os discursos:

Quadro-tabela 01 – Transcrição dos fragmentos discursivos de Laura e de Daphne

“BRIGERTON” – Discursos de Laura	“365 DNI” – Discursos de Daphne
L1: “Eu não sou sua propriedade [...] Escuta uma coisa: Eu não sou um saco de batatas que você pode carregar sem a minha permissão. Se você acha que é assim que vou me apaixonar por você, você tá bem enganado”.	D1: “Eu não quero jantar. Eu passei os últimos três dias querendo ficar a sós com você, querendo conversar, querendo saber [...] Você tem evitado a minha presença, você mal tem me dirigido a palavra, mal me olhou nos olhos. Foi eu que te atraí para esta armadilha de casamento”.
L2: “É verdade o que você falou antes? Que você não vai me tocar sem a minha permissão?”.	D2: “Quando eu toco em mim mesma, eu sempre penso em você [...] Eu me sinto incrível”.
L3: “Eu me apaixonei... Eu sei que parece ridículo, eu não queria, mas as coisas aconteceram [...] Imagina um homem todo machão, forte e que sempre sabe o que quer. Ele tem uma pegada mais protetora. Quando eu to com ele eu me sinto uma adolescente. Ele consegue realizar todas as minhas fantasias sexuais. Além disso,	D3: “Acho que agora eu sei porque todas as mães da alta sociedade mantém as filhas em total ignorância sobre certas diversões”.

ele tem um metro e noventa de altura, não tem nada de gordura no corpo e foi moldado pelo próprio Deus”.	
L4: “Eu não preciso desses 365 dias... porque eu te amo!”.	D4: “O que acha de irmos pro quarto e terminarmos o que começamos?”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os discursos de Laura e de Daphne sinalizam, notadamente, pontos de convergência e de divergências. Mesmo situados em contextos espaço-temporais distintos, enfatizarei, as semelhanças e as diferenças, seguindo a horizontalidade do quadro. Ratifico, ainda, que o objetivo deste artigo é analisar as mudanças sociais e o empoderamento feminino.

Nos discursos numerados como L1 e D1, é perceptível as marcas de um feminismo pós-moderno, sendo a postura de Daphne à frente do seu tempo (SZTOMPKA, 2005). Isso é passível de comprovação quando analisamos o trecho “eu passei os últimos três dias querendo ficar a sós com você, querendo conversar, querendo saber”. As mulheres do século XIX tinham hábitos mais recados, contidos e não se dirigiam aos maridos dessa forma, especialmente quando suas atitudes sugeriam o interesse em um momento íntimo, de afetividade (DEL PRIORE, 2013, 2020). No discurso de Laura, vemos uma mulher empoderada, que abomina a forma como Massimo pretende conquista-la, visto que ele recorre ao poder e ao status de ser um poderoso chefe da máfia. Isso fica claro no trecho “Se você acha que é assim que vou me apaixonar por você, você tá bem enganado”. A declaração “Eu não sou sua propriedade” também tem uma conotação de emancipação, de liberdade, inclusive, sexual (MEIRA, 2016)s. Quanto às diferenças, é possível enxergar comportamentos antagônicos, uma vez que Laura enfrenta o parceiro, demonstrando insatisfação com a situação a qual ela foi submetida: o sequestro e o enclausuramento para que se apaixonasse. Já a personagem Daphne, demonstra insegurança e receio em discutir a indiferença do duque, sempre agindo com muita cautela e esperando o momento certo para questionar o silêncio e a recusa de entrega dele na relação.

No que diz respeito aos discursos L2 e D2, vê-se trechos curtos, que versam sobre um mesmo quesito: o toque. Todavia, mesmo recorrendo a uma mesma expressão – “tocar/toco” –, as significações evidenciam situações distintas. Laura sugere uma preocupação quanto ao comportamento possessivo, com traços de abuso sexual de Massimo e o questiona: “É verdade o que você falou antes? Que você não vai me tocar sem a minha permissão?”. É notória, aqui, uma preocupação sobre o res-

peito dos limites da “conquista” e, principalmente, do respeito ao NÃO. Por outro lado, temos a sinalização de emancipação feminina (DEL PRIORE, 2020) na fala de Daphne, embora no século XIX a masturbação feminina fosse – e para algumas pessoas ainda é – um tabu. O trecho “quando toco em mim mesma, eu sempre penso em você” denota não somente emancipação, mas também empoderamento feminino, haja vista o direito sobre o próprio corpo e ao prazer serem evidências da quebra da hegemonia (DIJK, 2008) masculina, do patriarcalismo, do conservadorismo social (MEIRA, 2012) e dos rótulos sociais circunscritos ao universo feminino.

Quantos aos discursos L3 e D3, as protagonistas, Laura e Daphne, confessam, respectivamente, estar apaixonada e estar satisfeita sexualmente, embora o último faça isso de forma velada, de forma implícita. No trecho “Ele consegue realizar todas as minhas fantasias sexuais. Além disso, ele tem um metro e noventa de altura, não tem nada de gordura no corpo e foi moldado pelo próprio Deus”, Laura justifica o porquê da paixão súbita, mesmo contra a vontade dela, como o próprio fragmento em análise mostra. Já Daphne, ao dizer “agora sei porque todas as mães da alta sociedade mantêm as filhas em total ignorância sobre certas diversões”, permite a interpretação de que o sexo antes do casamento era altamente reprovável pela sociedade da época, ainda mais quando se tratasse de uma moça de família. Afirmar que o sexo é uma diversão é um forte indício de mudança social, conforme defende Fairclough (2016), e da assunção do direito feminino ao orgasmo. A essa etapa, Del Priore (2013, 2020) nomeou de revolução sexual feminina, que contemplou aspectos de suma importância para a configuração social da pós-modernidade, como o fato do sexo não estar associado, unicamente, à procriação. Para que isso fosse possível, o acesso aos métodos contraceptivos foi imprescindível.

Por fim, nos discursos L4 e D4, também mais curtos, constatamos, sequencialmente, traços do romance, em especial no trecho “eu te amo!”, dito por Laura; e da literatura erótica, no fragmento “O que acha de irmos pro quarto?”, reverberado por Daphne. Convém vislumbrar que as diferenças quanto ao teor das vozes das personagens indicam uma quebra nas possíveis hipóteses lançadas pelos amantes de Netflix. Isso porque ao assistir às primeiras cenas do filme 365 DNI julga-se que o desfecho contemple uma vertente mais erotizada. O inverso ocorre com a série *Brigerton*, em que as expectativas lançadas se voltam para um romance, cujo final seja o clássico “felizes para sempre”, permeado de gen-

tilezas e cenas exageradamente românticas. Tal julgamento provém da análise de todo o conjunto das obras, com ênfase no cenário, nas indumentárias, na demarcação espaço-temporal e, principalmente, na caracterização das personagens centrais de ambas as tramas. Nesse sentido, não é possível categorizar as obras em um único gênero discursivo – Literatura Erótica ou Romance –, pois, como propõe Araújo (2021), um dado texto/discurso pode ser entendido como uma constelação de gêneros, por agregar aspectos estruturais, composicionais e estilísticos de dois ou mais gêneros.

3. Considerações finais

Amor, sexo, quebra de tabus, romance, erotismo, mudanças sociais e empoderamento feminino. Eis algumas palavras de ordem neste texto. Conforme as análises tecidas, aqui, é possível afirmar que os discursos das personagens femininas, Laura e Daphne, indicam bruscas mudanças sociais, haja vista determinados conservadorismos serem rompidos. Ademais, é conveniente frisar que a plataforma *Netflix* assume um importante papel na esfera social: o de promover entretenimento e, em algumas instâncias, informação.

É pertinente salientar, também, que há Empoderamento Feminino das duas protagonistas – Laura e Daphne –, uma vez que elas questionam, se mostram donas de si e lutam, principalmente, pelo direito sobre o próprio corpo, conforme os fragmentos discursivos escolhidos para compor o *corpus* deste trabalho. Este empoderamento é sinônimo de independência feminina, cuja essência se volta para a garantia dos direitos já concedidos e pela busca dos que ainda não foram sancionados ou não estão em vigência.

Quanto ao questionamento acerca do gênero, afirmo que, ao concordar com as premissas de Araújo (2021), tanto o filme “365 DNI”, quanto a série “Brigerton” pertence a uma constelação de gêneros e, por isso, há características do gênero romance, como também é visível os traços da literatura erótica. Em outras palavras, em ambas as produções, temos “Romance Erótico”. Acredito que esse gênero irá se perpetuar na plataforma *Netflix*, haja vista o sucesso das obras analisadas. Reitero, ainda, que as classificações não são estanques e, por esse motivo, outros pesquisadores podem chegar a outras conclusões.

Por fim, saliento que um quesito de grande relevância para a pauta feminista não foi contemplado neste artigo: **A Síndrome de Estocolmo**, que significa, sumariamente, um distúrbio psicológico caracterizado em situações de tensão e até de tortura, em que a vítima, por vivenciar medos e frustrações, passa a criar afeto pelo agressor. Nesse sentido, é possível, então, que Laura não tenha se apaixonado por Massimo, como ela afirma no desfecho do filme “365 DNI”, pois, inconscientemente, a vítima acredita que precisa acatar todas as regras impostas pelo agressor para conseguir sair ilesa da situação. Outra produção da *Netflix* que aborda a síndrome é a série “La Casa de Papel”, que, por sua vez, se configura como um futuro objeto de pesquisa, em que intenciono, também, traçar um paralelo entre essas duas produções, investigando, portanto, como a Síndrome de Estocolmo se manifesta nas personagens Laura e Mônica Gatzambide.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Júlio. *Constelação de gêneros: a construção de um conceito*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.
- DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500-2000*. São Paulo: Planeta, 2020.
- DIJK, Teun van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
- MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva. *Mudanças discursivas e sociais (ou vice-versa?)*: Estudo crítico da constituição identitária feminina nas cartas do leitor da revista Claudia. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012. 110f.
- _____. *Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online*. Tese de doutorado. Universidade Federal do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016. 180f.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. (Org). São Paulo: Parábola, 2006.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas-SP: Pontes, 2011.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad. de Pedro Jorgensen Jr.; 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.